

*"No princípio era a forma.
E a forma se fez sentido!"*

A apreensão da imagem se dá a partir de sua manifestação sensível, cuja existência depende de certas qualidades perceptíveis como a luminosidade, a espacialidade e a temporalidade que são seus elementos instauradores. Estes elementos configurados na obra constituem aquilo que chamamos, genericamente, de forma. Logo, forma, nada mais é do que a aparência que estas qualidades ou substâncias de expressão assumem num dado contexto, para se constituir enquanto presença no mundo e produzir sentido ou significação.

“Conteúdo é forma.”
Carvalho, Osvaldo, 2003

Ao longo do tempo a arte visual se ocupou da observação do seu entorno, se preocupou em selecionar, colher e manipular materiais e substâncias para organizar, construir e distribuir imagens. Entretanto, convém observar que as imagens que surgiram numa dada época e num certo lugar, são diferentes daquelas que apareceram em outras épocas e em outros lugares, conseqüentemente, seus significados também são diferentes. As funções que as imagens cumprem num dado momento não são as mesmas que elas realizam em outro.

Em tempos ancestrais, na pré-história, por exemplo, os componentes de origem mágicos, simbólicos e rituais que amparavam o sentido das imagens era o que lhes dava consistência e função, entretanto, o mesmo não se sustenta em relação às obras contemporâneas. Classificar uma de imagem como pintura, desenho, escultura, gravura ou fotografia contempla a tradição da arte visual e satisfaz os gostos mais conservadores, no entanto, não atende mais o que se espera da arte hoje. Não podemos mais chamar de imagem a uma instalação, uma performance, convenhamos, isso é forçar demais o termo, o que não condiz com o espírito de nossa época, contudo este problema continua sendo uma preocupação para as leituras contemporâneas. No momento em que as obras abandonaram os seus suportes tradicionais para ocuparem o entorno, perderam a materialidade e se diluíram em conceitos e intervenções, mas não deixaram de dialogar com seu tempo e continuaram a ser o que eram antes: obras de arte. Hoje, por mais complexas que sejam as obras de arte, elas são apenas diferentes daquelas de ontem.

No entanto, no contexto da leitura e da apreensão cognitiva das obras de arte, a busca permanece ainda no encaicho do olhar ou dos diferentes olhares. A variedade e a multiplicidade instaurada desde a Modernidade triunfou na pós-Modernidade e, sua conseqüência é um universo incomensurável de proposições. Lidar com isso é um dos grandes desafios para a arte do nosso tempo e um desafio para as curadorias de arte.

Feitas estas ponderações, propomos, a partir de um sobrevôo no acervo do MUnA, trazer para a apreciação dos leitores, uma seleção de obras que, além de significarem de per si, também significam no conjunto selecionado para a mostra. Se tomarmos o caminho delineado para a realização deste percurso, encontraremos quatro estágios distintos chamados de “Envolvimentos”, estes envolvimentos estão organizados de tal modo que a leitura se dê tanto na individualidade de cada uma das obras, como na leitura do conjunto no qual ela se insere.

Queremos mostrar que a arte, embora mantenha a sua tradição enquanto ocorrência visual não despreza e não desconhece sua natureza imaginativa, propositiva e conceitual. Neste percurso de leitura vamos perceber que as mudanças de estado pelos quais a arte visual passou: do visível para o invisível, do corpóreo para o incorpóreo, ela se propôs a apontar novos rumos, novos modos de entender e mesmo novos modos de dialogar, mesmo considerando as poéticas expressivas mais tradicionais, há uma abertura suficiente para a reflexão em torno das proposições atuais. Uma destas proposições é o próprio ato curatorial que instaura um pensar sobre a arte e, conseqüentemente, realiza também um exercício crítico. Portanto, a arte ao promover a forma também enforma, deforma, reforma, transforma e performa o próprio ser humano.

Professor Dr. Isaac Antonio Camargo - DEART – UFU